

# Antiga Praia do Canto é lembrada com nostalgia

A) 19776  
Izabel Aarão

Andar de bicicleta é um dos passatempos preferidos de dona Alcista Brandão Guimarães. Aos 76 anos, com uma disposição invejável, ela aparenta um temperamento tranquilo e alegre. Mas ao lembrar dos bons tempos, da tranquilidade e das ruas calmas da Praia do Canto, bairro onde mora até hoje, e na mesma rua, Aleixo Neto, confessa que sente saudades. Dona Alcista viveu uma época no passado onde as residências do bairro eram habitadas pela aristocracia capixaba. Hoje, o cenário é diferente, ao contrário das antigas casas há espigões e residências que foram transformadas em estabelecimentos comerciais.

Dona Alcista Guimarães volta no tempo e lembra dos passeios de bonde, que passava na Rua Aleixo Neto, das ruas com paralelepípedos, sem a exigência de quebra-molas. Lembra do bate-papo amigo dos vizinhos e, principalmente, como era bom sair de casa. “Todo mundo conhecia todo mundo”. Vitória ainda não consegue respirar ares de cidade grande, mas a verdade é que a Praia do Canto mudou. Dona Alcista Guimarães mora ao lado da loja de tecido A Libaneza, uma residência da família, que hoje resiste, mas só pela metade. É que a parte de baixo foi vendida para a atual proprietária de A Libaneza, Norma Saad. No entanto, o andar superior ainda pertence aos herdeiros.

## Saudades

Entre as lembranças e muita nostalgia, dona Alcista não consegue recordar com precisão há quanto tempo mora na Praia do Canto. Ela só adianta que quando chegou por lá, o bar Di Dom Dom era um terreno de um certo Dom Dom. “Ele era pescador, tudo por lá era mar”. Dona Alcista também acha que naquela época o povo era mais contestador. “Quando o vereador Marinho Delmaestro resolveu colocar os ônibus, se a passagem aumentava para 500 réis era uma confusão”. Na Praia do Canto, naquela época, não havia estabelecimentos comerciais, só funcionava uma venda, lembra dona Alcista. Dos vizinhos, diz que Geni é a única moradora do seu tempo. Ela reside na Celso Calmon. Tem também o Carlos Moraes, outro morador antigo, que tinha casa na outra esquina da sua rua.

A família cresceu e não foi possível dividir os poucos quartos com todo mundo. Este foi o principal motivo que levou o funcionário público aposentado, Guilherme Carlos Ayres, a abandonar a casa da Chapot Presvot. Lá hoje funciona a loja de congelados

Dulce também admite sentir certa nostalgia quando revê a casa, apesar de não tê-la vendido. Esta também não é intenção da família. E ela sempre morou na Praia do Canto, trocou a casa por outra mais confortável e admite que crê na segurança dessas residências. “Provavelmente, se as casas da Praia do Canto não forem transformadas em estabelecimentos comerciais vão virar grandes prédios”.

Para a representante de turismo e advogada Lissu Madeira Abad, a Praia do Canto, há 27 anos, era uma grande família. Ela vai recordando os bons tempos e distribuindo as residências ao longo da Rua Joaquim Lírio. Em uma das casas da família funciona a loja Rede Green, um restaurante no fundo, cabeleireiro e uma clínica de estética. Para a época, — hoje o que pode ser substituída por uma casa ampla e confortável —, era um edifício. Lissu lembra com saudades das brincadeiras de infância. Sem esquecer, também, da casa da avó, contruída por seu pai. Fica onde está funcionando o restaurante Piscis, na Aleixo Neto.

A avó de Lissu morou na casa da Praia por muito tempo. Ela afirma que sente falta da lembrança da avó, tanto que foi ao restaurante apenas uma vez. O antigo quarto foi transformado em uma sala ampla, com mesas e cadeiras. A varanda, onde ela ficava com seus filhos, foi fechada por uma parede de vidro. “Realmente não gosto de voltar lá, sinto saudades daquela época”. Lissu acha que infelizmente algumas alterações devem acontecer. No entanto, lamenta que na Praia do Canto a atual distribuição de bares é exagerada. “Tem até boteco, muito barulho, sou contra isto. Acho que deveriam impedir”.

Sempre trabalhando com cozinha, Sylvia Lis Cardoso achou que a melhor maneira de aproveitar a casa de seu pai, que fica na Rua Madeira de Freitas, era transformá-la num restaurante. A inauguração está marcada para o próximo dia 16. O novo estabelecimento comercial da Praia do Canto também servirá como local para festas. O encontro de final de ano do Instituto de Idiomas Yázigi faz parte da agenda de Sylvia. A casa foi construída há 25 anos. Depois que a família de Sylvia transferiu-se para a Praia, ela começou a viver parte de sua juventude naquela casa. Sylvia tinha 15 anos quando mudou-se. Do outro lado da rua, fez amizade com Letícia Frossat, que hoje está no Rio de Janeiro. Sylvia conta que há 10 anos Letícia não vinha a Vitória e quando entrou em sua casa, em reformas para a cionar o restaurante, levou um choque. A emoção de Letícia foi tão grande que até impressionou



Os estabelecimentos comerciais chegaram para ficar na Praia do Canto



Antigas casas cederam lugar aos espigões, mudando o perfil do bairro

## Voltar à antiga casa é sonho de muitos

Para voltar a morar na residência deixada como herança pelo pai, o cardiologista Jorge Aarão Neto enfrenta duas resistências. A primeira, ele terá que convencer a mulher de que a casa não é tão grande como aparenta. Já a segunda, precisa aguardar o término de um contrato de aluguel para realizar seu sonho. É que na casa de Jorge Aarão funcional o salão Saint Laurent, na Joaquim Lírio. Até os 19 anos, ele conviveu com uma turma sadia “que frequentava a Praia do Canto.

Jorge Aarão conta que já morou dois anos na casa, mas sua mulher achou a residência muito ampla e hoje continua na Praia do Canto, só que em um apartamento. Há seis anos o Saint Laurent funciona no local. Ele até já pediu a casa de volta, porém, deu mais um prazo para que os inquilinos façam transferência de imóvel. “Eles estão construindo em uma outra área, onde vai ficar o novo salão, e me pediram mais cinco meses”.

O cardiologista morou muito tempo na Praia do Canto antes de fazer faculdade no Rio de Janeiro. Ele conta que naquela época os rapazes, “uma

Doce, José Carlos da Silva. Para ele, que não pretende vender a residência, quem quiser comprar vai ter que fazer a troca por quatro apartamentos e muito dinheiro. Isto no caso de algum vizinho querer vender seu espaço para a construção de um espigão, conta José Carlos da Silva, morando há 23 anos na Praia do Canto, diz que na Rua Celso Calmon ainda existem muitas casas, mas ele realmente já percebeu que o bairro vem sendo invadido por estabelecimentos comerciais. “Por aqui todas as ruas tinham nomes de municípios. O bonde passava até onde funciona, hoje, o bar Sptos”.

Como a família de José Carlos Silva é pequena, ele só tem dois filhos, garante que continua morando na casa, numa residência de 20 metros onde há possibilidade até de uma ampliação no andar superior. Antes da construção, José Carlos da Silva morou em Bento Ferreira. A residência era velha e ele resolveu fazer uma reforma total ou melhor, projetou nova casa. Outra residência, que ainda resiste, é a do consultor de empresas José Antônio de Figueiredo Costa. Ele mora na esquina

das ruas Afonso Cláudio com Joaquim Lírio.

## Lembranças

José Costa diz que sua casa é da década de 20. A residência tem dois andares e fica ao lado do restaurante Mar e Terra. “Se depender da gente, não vamos vender nossa casa”. Para José Costa, que morou em apartamento, por apenas um período, a lembrança do mar até na avenida Saturnino de Brito é uma boa recordação. “Em princípio, tudo era muito calmo. A Praia do Canto sempre foi uma vila de pescadores. Tudo começava pelo local onde hoje é o bar Dim Dom Dom”.

Apesar de achar triste a transformação da maioria das residências da Praia do Canto em estabelecimentos comerciais, como agências de turismo, bares, restaurantes e lojas de modas, José Costa compreende que é difícil conter tais mutações. “Eu admiro muito os prédios na Navegantes, são belíssimos”. Ele conta também do prazer que sente em morar na Praia. “Nem o progresso me constrange mais”. Enumera, ainda, mais uma vantagem:

“Estou morando entre o Triângulo das Bermudas e acho isto ótimo. Coloco o pé na rua e fico por dentro das fofocas”.

## Da família

Ex-professora da Universidade Federal do Espírito Santo, Beth Osório, que está curtindo uma aposentadoria e “de bem com a vida”, mora com o irmão na casa da família na Rua Eugênio Neto. A casa foi de um proprietário de serraria, o italiano Giacomo Sandri, depois, comprada pelo pai de Beth. Ela diz que mora bem. A residência é confortável e sempre teve o privilégio de morar em casa. Quanto à segurança, diz, brincando, que até na casa de Olga Portela, personagem de Gilberto Braga, na novela *O Dono do Mundo*, da Rede Globo os ladrões fizeram a festa. Daí que ninguém pode impedir a ação deles, confessa Beth. Até em condomínios fechados eles são ousados.

Outra particularidade bem peculiar aos moradores de casas é o sossego. Beth diz que para quem mora em apartamento é muito chato ter que dar satisfação a síndico. Ela lembra das festas que já realizou, mas sem a preocu-

Andar de bicicleta é um dos passatempos preferidos de dona Alcista Brandão Guimarães. Aos 76 anos, com uma disposição invejável, ela aparenta um temperamento tranquilo e alegre. Mas ao lembrar dos bons tempos, da tranquilidade e das ruas calmas da Praia do Canto, bairro onde mora até hoje, e na mesma rua, Aleixo Neto, confessa que sente saudades. Dona Alcista viveu uma época no passado onde as residências do bairro eram habitadas pela aristocracia capixaba. Hoje, o cenário é diferente, ao contrário das antigas casas há espigões e residências que foram transformadas em estabelecimentos comerciais.

Dona Alcista Guimarães volta no tempo e lembra dos passeios de bonde, que passava na Rua Aleixo Neto, das ruas com paralelepípedos, sem a exigência de quebra-molas. Lembra do bate-papo amigo dos vizinhos e, principalmente, como era bom sair de casa. "Todo mundo conhecia todo mundo". Vitória ainda não consegue respirar ares de cidade grande, mas a verdade é que a Praia do Canto mudou. Dona Alcista Guimarães mora ao lado da loja de tecido A Libaneza, uma residência da família, que hoje resiste, mas só pela metade. É que a parte de baixo foi vendida para a atual proprietária de A Libaneza, Norma Saad. No entanto, o andar superior ainda pertence aos herdeiros.

### Saudades

Entre as lembranças e muita nostalgia, dona Alcista não consegue recordar com precisão há quanto tempo mora na Praia do Canto. Ela só adianta que quando chegou por lá, o bar Di Dom Dom era um terreno de um certo Dom Dom. "Ele era pescador, tudo por lá era mar". Dona Alcista também acha que naquela época o povo era mais contestador. "Quando o vereador Marinho Delmaestro resolveu colocar os ônibus, se a passagem aumentava para 500 réis era uma confusão". Na Praia do Canto, naquela época, não havia estabelecimentos comerciais, só funcionava uma venda, lembra dona Alcista. Dos vizinhos, diz que Geni é a única moradora do seu tempo. Ela reside na Celson Calmon. Tem também o Carlos Moraes, outro morador antigo, que tinha casa na outra esquina da sua rua.

A família cresceu e não foi possível dividir os poucos quartos com todo mundo. Este foi o principal motivo que levou o funcionário público aposentado, Guilherme Carlos Ayres, a abandonar a casa da Chapot Presvot. Lá hoje funciona a loja de congelados Vinha D'Alhos. A construção é de 1932 e Guilherme Ayres ainda é o proprietário, só alugou o ponto, mas a casa onde nasceu e viveu parte da sua mocidade, hoje já virou um espigão que leva o sobrenome da família Ayres. "É uma lembrança muito triste quando passamos por lá. Mas chega uma hora que não dá mais para morar no local". Atualmente mora na Rua Constant Sodrê, que considera a mais calma da Praia do Canto.

### Fugir do aluguel

Quem também alugou a casa da família para um estabelecimento comercial foi a advogada Maria Dulce Fonseca. Na antiga residência, funcionam os salões New Hair e Estilo Estética. Como a maioria das pessoas, Maria

não te-ia vendido. Esta também não e intenção da família. E ela sempre morou na Praia do Canto, trocou a casa por outra mais confortável e admite que crê na segurança dessas residências. "Provavelmente, se as casas da Praia do Canto não forem transformadas em estabelecimentos comerciais vão virar grandes prédios".

Para a representante de turismo e advogada Lissu Madeira Abad, a Praia do Canto, há 27 anos, era uma grande família. Ela vai recordando os bons tempos e distribuindo as residências ao longo da Rua Joaquim Lírio. Em uma das casas da família funciona a loja Rede Green, um restaurante no fundo, cabeleireiro e uma clínica de estética. Para a época, — hoje o que pode ser substituída por uma casa ampla e confortável —, era um edifício. Lissu lembra com saudades das brincadeiras de infância. Sem esquecer, também, da casa da avó, contruída por seu pai. Fica onde está funcionando o restaurante Piscis, na Aleixo Neto.

A avó de Lissu morou na casa da Praia por muito tempo. Ela afirma que sente falta da lembrança da avó, tanto que foi ao restaurante apenas uma vez. O antigo quarto foi transformado em uma sala ampla, com mesas e cadeiras. A varanda, onde ela ficava com seus filhos, foi fechada por uma parede de vidro. "Realmente não gosto de voltar lá, sinto saudades daquela época". Lissu acha que infelizmente algumas alterações devem acontecer. No entanto, lamenta que na Praia do Canto a atual distribuição de bares é exagerada. "Tem até boteco, muito barulho, sou contra isto. Acho que deveriam impedir".

Sempre trabalhando com cozinha, Sylvia Lis Cardoso achou que a melhor maneira de aproveitar a casa de seu pai, que fica na Rua Madeira de Freitas, era transformá-la num restaurante. A inauguração está marcada para o próximo dia 16. O novo estabelecimento comercial da Praia do Canto também servirá como local para festas. O encontro de final de ano do Instituto de Idiomas Yázigi faz parte da agenda de Sylvia. A casa foi construída há 25 anos. Depois que a família de Sylvia transferiu-se para a Praia, ela começou a viver parte de sua juventude naquela casa. Sylvia tinha 15 anos quando mudou-se. Do outro lado da rua, fez amizade com Letícia Frossat, que hoje está no Rio de Janeiro. Sylvia conta que há 10 anos Letícia não vinha a Vitória e quando entrou em sua casa, em reformas para a cionar o restaurante, levou um choque. A emoção de Letícia foi tão grande que até impressionou Sylvia. Ela diz que Letícia foi entrando em cada cômodo e descrevendo-os como nos bons tempos de juventude.

Mas para Sylvia, manter a casa alugada não vale a pena. Muito menos vendê-la numa época em que as pessoas estão com pouco dinheiro. Ela observa que não seria um bom negócio. Quanto ao seu pai, afirma que ele é do signo de Aquário, muito moderno. Para ele, argumenta a filha, o tempo não passa. O pai de Sylvia é um adepto fervoroso de mudanças. Se deixar, explica, ele vai transformando tudo por onde passa. Entretanto, Sylvia conta que sente muitas saudades do bom tempo que passou morando na casa. Garante que, às vezes, se perde em recordações no atual escritório do restaurante, onde era o seu quarto de dormir.



Os estabelecimentos comerciais chegaram para ficar na Praia do Canto



Antigas casas cederam lugar aos espigões, mudando o perfil do bairro

## Voltar à antiga casa é sonho de muitos

Para voltar a morar na residência deixada como herança pelo pai, o cardiologista Jorge Aarão Neto enfrenta duas resistências. A primeira, ele terá que convencer a mulher de que a casa não é tão grande como aparenta. Já a segunda, precisa aguardar o término de um contrato de aluguel para realizar seu sonho. É que na casa de Jorge Aarão funcional o salão Saint Laurent, na Joaquim Lírio. Até os 19 anos, ele conviveu com uma turma sadia "que frequentava a Praia do Canto.

Jorge Aarão conta que já morou dois anos na casa, mas sua mulher achou a residência muito ampla e hoje continua na Praia do Canto, só que em um apartamento. Há seis anos o Saint Laurent funciona no local. Ele até já pediu a casa de volta, porém, deu mais um prazo para que os inquilinos façam transferência de imóvel. "Eles estão construindo em uma outra área, onde vai ficar o novo salão, e me pediram mais cinco meses".

O cardiologista morou muito tempo na Praia do Canto antes de fazer faculdade no Rio de Janeiro. Ele conta que naquela época os rapazes, "uma juventude sadia", só se preocupavam em pedir o carro emprestado ao pai. No mais, as diversões se multiplicavam entre corridas de bicicleta, passeios de barco e carrinho de rolimã. "Nós até fabricávamos nossos brinquedos". Da turma, Jorge Aarão lembra os nomes de Zaki Helal, Paulo Cesar Tomasi e Guaraci Assis.

### Segurança

Naquele tempo, também a segurança dos bairros era mais completa. Jorge Aarão conta que tem vontade de voltar a morar na casa, e se depender dele, não venderá seu imóvel. Quem também quer preservar a casa da família é o ex-funcionário do Vale do Rio

Doce, José Carlos da Silva. Para ele, que não pretende vender a residência, quem quiser comprar vai ter que fazer a troca por quatro apartamentos e muito dinheiro. Isto no caso de algum vizinho querer vender seu espaço para a construção de um espigão, conta José Carlos da Silva, morando há 23 anos na Praia do Canto, diz que na Rua Celso Calmon ainda existem muitas casas, mas ele realmente já percebeu que o bairro vem sendo invadido por estabelecimentos comerciais. "Por aqui todas as ruas tinham nomes de municípios. O bonde passava até onde funciona, hoje, o bar Spetos".

Como a família de José Carlos Silva é pequena, ele só tem dois filhos, garante que continua morando na casa, numa residência de 20 metros onde há possibilidade até de uma ampliação no andar superior. Antes da construção, José Carlos da Silva morou em Bento Ferreira. A residência era velha e ele resolveu fazer uma reforma total ou melhor, projetou nova casa. Outra residência, que ainda resiste, é a do consultor de empresas José Antônio de Figueiredo Costa. Ele mora na esquina

das ruas Afonso Cláudio com Joaquim Lírio.

### Lembranças

José Costa diz que sua casa é da década de 20. A residência tem dois andares e fica ao lado do restaurante Mar e Terra. "Se depender da gente, não vamos vender nossa casa". Para José Costa, que morou em apartamento, por apenas um período, a lembrança do mar até na avenida Saturnino de Brito é uma boa recordação. "Em princípio, tudo era muito calmo. A Praia do Canto sempre foi uma vila de pescadores. Tudo começava pelo local onde hoje é o bar Dim Dom Dom".

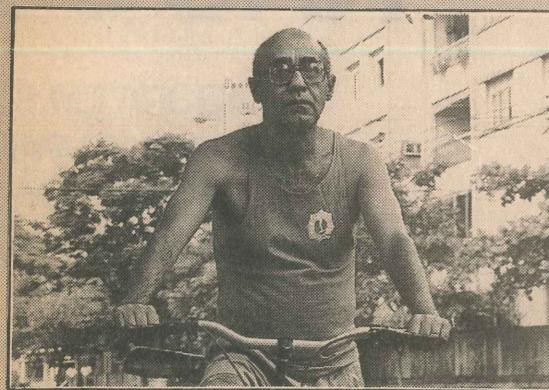
Apesar de achar triste a transformação da maioria das residências da Praia do Canto em estabelecimentos comerciais, como agências de turismo, bares, restaurantes e lojas de modas, José Costa compreende que é difícil conter tais mutações. "Eu admiro muito os prédios na Navegantes, são belíssimos". Ele conta também do prazer que sente em morar na Praia. "Nem o progresso me constrange mais". Enumera, ainda, mais uma vantagem:

"Estou morando entre o Triângulo das Bermudas e acho isto ótimo. Coloco o pé na rua e fico por dentro das fofocas".

### Da família

Ex-professora da Universidade Federal do Espírito Santo, Beth Osório, que está curtindo uma aposentadoria e "de bem com a vida", mora com o irmão na casa da família na Rua Eugênio Neto. A casa foi de um proprietário de serraria, o italiano Giacomo Sandri, depois, comprada pelo pai de Beth. Ela diz que mora bem. A residência é confortável e sempre teve o privilégio de morar em casa. Quanto à segurança, diz, brincando, que até na casa de Olga Portela, personagem de Gilberto Braga, na novela *O Dono do Mundo*, da Rede Globo os ladrões fizeram a festa. Daí que ninguém pode impedir a ação deles, confessa Beth. Até em condomínios fechados eles são ousados.

Outra particularidade bem peculiar aos moradores de casas é o sossego. Beth diz que para quem mora em apartamento é muito chato ter que dar satisfação a síndico. Ela lembra das festas que já realizou, mas sem a preocupação de conter vozes e som altos. Além de que a casa também é mais econômica, adverte Beth Osório, alimentando a insatisfação de ter que pagar um condomínio absurdo. Na opinião de Beth, principalmente onde mora, o Plano Diretor Urbano, PDU, não estabeleceu construção de mais de quatro andares no local. "Quem vai querer comprar uma casa para construir um prédio de quatro andares?". A alternativa, para Beth Osório, continua sendo a transformação das casas em estabelecimentos comerciais. Mas quanto à sua, só prevê o seu destino, diz brincando, quando estiver no terreno comunitário, onde a família dispõe de dois lotes, no cemitério de Santo Antônio.



José Carlos quer manter a casa da família, onde mora há 23 anos, resistindo à invasão do comércio que transforma a região, mudando o cenário dos bondes